

## Variação na Concordância Nominal de Número em Redações de Surdos<sup>1</sup>

### Variation in Nominal Number Agreement in Texts Written by Deaf Individuals

Dayane Celestino de Almeida<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Campinas  
[almeidad@unicamp.br](mailto:almeidad@unicamp.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-8370-7188>

Letícia Kaori Hanada<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Campinas  
[l201433@dac.unicamp.br](mailto:l201433@dac.unicamp.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-0135-1473>

**Resumo:** Este trabalho investiga a Concordância Nominal de Número em textos escritos por indivíduos surdos, com o objetivo de verificar que fatores sociais ou linguísticos estão associados à Realização ou à Não Realização desse tipo de concordância. Serve de norte o quadro teórico-metodológico da sociolinguística variaçãoista. Foram analisadas 40 redações, de 40 indivíduos surdos, entre 15 e 35 anos de idade, estratificados em idade de aquisição da Libras, grau de oralização e leitura labial, e escolaridade. Os resultados apontam para a não correlação desses fatores com a Concordância, revelando, de outro lado, a existência de uma correlação de alguns fatores linguísticos (descritos no corpo do trabalho) com a Não Concordância.

**Palavras-chave:** Bilinguismo de surdos; Concordância nominal de número; Variação linguística.

**Abstract:** This paper investigates the Nominal Number Agreement in texts written by deaf individuals, in order to verify which social or linguistic factors are associat-

<sup>1</sup> Com apoio da FAPESP. Processo nº 2017/07032-6.

<sup>2</sup> Doutora, Professora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

ed to the Realization or Non-Realization of this type of agreement. The work is rooted in variationist sociolinguistics. We have analyzed a total of 40 texts written by 40 deaf individuals, aged between 15 to 35 years old, stratified by age of acquisition of Brazilian Sign Language, degree of oralization and lip reading, and schooling. The results point to the non-correlation of these factors with Agreement. Also, the results show the existence of correlation between some linguistic factors (which are described in the text) with Non-Agreement.

**Keywords:** Deaf bilingualism; Nominal number agreement; Linguistic variation.

## Introdução

Muitos surdos brasileiros, além de se comunicarem por meio da Libras (Língua Brasileira de Sinais), também fazem uso da língua portuguesa, na modalidade escrita. Tal situação é vista como uma situação de bilinguismo<sup>4</sup>, em que o Português escrito é a segunda língua (L2).

Nota-se, porém, que a produção textual em Português de grande parte dos surdos ainda está em estágio de “interlíngua”, isto é, um sistema híbrido que apresenta características tanto da primeira língua (L1) do indivíduo quanto da sua língua-alvo (Selinker, 1972). Esse hibridismo pode ser verificado em alguns fenômenos linguísticos, sendo um deles a Concordância Nominal de Número, objeto deste trabalho. Como não existe um morfema de plural em Libras, espera-se que em alguma medida a Não Concordância apareça no Português dos surdos. Por outro lado, a variação entre a Realização ou a Não Realização da Concordância Nominal é um fenômeno observado em diversas variedades do Português, não se relacionando com o fenômeno de transferência linguística. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi verificar se de fato a Libras como primeira língua desempenha um papel no emprego da Não Concordância no Português de surdos como L2 (ou interlíngua) e que outros fatores estão associados a essa variação.

Partimos do pressuposto de que interlínguas e segundas línguas variam tanto quanto as línguas maternas (Bayley, 2007; Regan, 2013), sendo que sua variação também é sistemática, motivada e não aleatória (uma “heterogeneidade ordenada”, para empregar o termo de Weinreich, Labov e Herzog, 1968). Pressupõe-se também que há variação sistemática na modalidade escrita tanto quanto na oral.

Os exemplos a seguir foram retirados do corpus que analisamos. Note-se em 1 a Realização da Concordância e em 2 a Não Realização.

1. “**Os moleques** acharam um chapéu”.
2. “**Os menino** ajudou levando a pegar a pera”.

A sociolinguística variacionista postula que tanto fatores sociais quanto linguísticos (também chamados de externos e internos, respectivamente) podem se associar ou motivar o uso de uma ou outra variante linguística (e.g. Labov, 1972, 1966; Trudgill, 1974; Chambers, 1995; Chambers, Trudgill,

& Schilling-Estes, 2001). O estudo dessas associações tenta explicar “o motivo pelo qual os falantes empregam uma forma linguística e não outra” (Kiesling, 2009, p. 171, tradução nossa).

O conjunto de duas ou mais formas de se dizer “a mesma coisa”, isto é, duas ou mais formas linguísticas que veiculam um mesmo sentido em uma dada língua, é chamado de *variável* (Labov, 1966, 1969). Essas diferentes formas são, por sua vez, chamadas de *variantes*. A variável linguística é, portanto, um conjunto de duas ou mais variantes.

A variação pode ocorrer em virtude de diversos fatores e em diferentes níveis linguísticos. Por exemplo, Vianna e Lopes (2015) citam vários estudos sobre a variação existente, em Português, entre “nós” e “a gente”, dentre eles, o trabalho de Omena (1996 apud Vianna e Lopes, 2015), sobre tal variação no Rio de Janeiro em que um dos fatores que favoreciam o emprego de “a gente” foi a faixa etária (falantes mais novos empregavam mais a forma inovadora). Fora do nível morfossintático, pode-se fornecer exemplos do nível fonético-fonológico, como o trabalho de Oushiro (2015) que mostrou que o /R/ em coda silábica varia entre o “tepe” e o “retroflexo” no Português paulistano e que o “retroflexo”, que ocorre em aproximadamente 28% das vezes nos contextos estudados, é favorecido pela faixa etária mais jovem, nas classes B e C. Fatores linguísticos também podem ser a fonte de variação, tal como mostra o trabalho de Callou et al (1995), em que se observou o fenômeno da ditongação diante do /S/, concluindo que é rara a ocorrência da ditongação em posição de coda interna.

Os fatores observados nesta pesquisa serão descritos na seção de Metodologia, em que também falaremos mais detidamente sobre o corpus analisado e sua constituição<sup>5</sup>.

## Metodologia e definição das variáveis e variantes

Os dados para este estudo foram retirados de 40 redações elaboradas por 40 participantes surdos<sup>6</sup> que se enquadram nos seguintes critérios: i) ter aprendido Libras até 12 anos de idade<sup>7</sup>; ii) ser usuário de Português escrito como L2 e escrever com relativa frequência; e iii) ter entre 15 e 35 anos de idade.

Os textos basearam-se no filme “Estória da Pêra”<sup>8</sup> (Chafe, 1980; aproximadamente 6 min., sem falas). Aos participantes, solicitou-se assistir ao filme e em seguida escrever um texto narrativo o mais detalhadamente possível contando a estória vista. As redações foram recolhidas e depois transcritas e salvas em formato .txt para facilitar a posterior manipulação dos dados via computador. A amostra está

<sup>5</sup> Vale ressaltar que este trabalho fez parte de um projeto maior (XXXXXXX-removido para não indicar autoria, 2017), financiado pela Fapesp, em que se analisaram mais outras 3 variáveis linguísticas, a saber:

- emprego ou omissão das preposições “em”, “para” e “de”;
- emprego ou omissão do determinante no sintagma nominal;
- realização ou não realização da flexão verbal;

<sup>6</sup> Os participantes foram informados e esclarecidos quanto à coleta de dados e seu destino. Todos concordaram em participar e assinaram um TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após terem também assistido a um vídeo em Libras com a tradução do documento e um resumo sobre o projeto de pesquisa. Não houve submissão a um Comitê de Ética porque esta não era uma obrigatoriedade na época de formulação do projeto.

<sup>7</sup> A idade máxima de 12 anos foi adotada observando-se o período crítico para aquisição de linguagem de Lenneberg (1967), já que pretendemos verificar se há transferência da L1 para L2.

<sup>8</sup> O vídeo pode ser assistido aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>. Acesso em 01/05/2019.

estratificada segundo os seguintes fatores (8 perfis de informantes, 5 informantes por perfil):

- i) Idade de Aquisição da Libras (Até 5 anos de idade / De 6 a 12 anos);
- ii) Habilidades Orais e de Leitura Labial (Oralizado / Não Oralizado)<sup>9</sup>;
- iii) Nível de Escolaridade (Ensino Médio / Ensino Superior).

Todas essas informações foram obtidas através do preenchimento de uma “Ficha de Informante”, pelos participantes da pesquisa, com o auxílio dos documentadores.

Os dois primeiros grupos de fatores estão associados à possível influência da L1 na L2, ou da influência de um *input* incompleto como é o caso da Terapia de Oralização. Por meio deles, procuramos avaliar o impacto da transferência linguística no emprego da variante dita “inadequada”. O grupo de fatores Escolaridade, por sua vez, não está associado diretamente à transferência, mas é relevante neste caso já que se espera que uma maior Escolaridade leve o indivíduo a escolher mais consistentemente variantes padrão. Em outras palavras, indivíduos mais escolarizados tenderiam a se afastar de variantes estigmatizadas socialmente, e isso se daria pelo fato de a escola funcionar como meio de preservação das formas de prestígio. No caso da relação entre Português e Libras, a hipótese é que mesmo que uma variante não padrão possa ocorrer no Português escrito como L2 pelo fato de se tratar, possivelmente, de uma influência da Libras, essa transferência seria bloqueada ou minimizada devido à força exercida pela Escolaridade na direção das formas mais prestigiadas da língua.

Ao fenômeno “Variação na Concordância Nominal de Número” chamamos “variável dependente” e às diferentes realizações desse fenômeno, chamamos “variantes”, como já mencionado anteriormente. Este estudo tem por objetivo apresentar as correlações existentes entre a realização ou a não realização da Concordância Nominal de Número e certos fatores tanto de ordem social quanto linguística. A cada conjunto de fatores chamamos, seguindo a terminologia da sociolinguística quantitativa, de “variáveis independentes” (ou “grupos de fatores”). Os três grupos de fatores que estratificam a amostra foram considerados variáveis independentes, juntamente com as variáveis linguísticas a seguir (selecionadas a partir de uma análise qualitativa dos dados). Também inserimos exemplos das variantes dessas variáveis.

i) **Quantidade de Palavras no Sintagma Nominal (SN):** Duas; Três ou mais.

- Duas: “na mão dono viu tinha **três ceste**”;
- Três ou mais: “Então, tinha **os três meninos** estava debaixo das árvores”.

---

<sup>9</sup> Ressaltamos que o segundo grupo de fatores, que trata das Habilidades Orais e de Leitura Labial, é na verdade uma classificação que levou em conta não só se o indivíduo surdo realmente oraliza mas se tem uma boa habilidade de leitura labial ou se fez terapia de oralização por mais de dois anos e antes dos 12 anos de idade.

Foi classificado como “Oralizado” o indivíduo que foi considerado “Positivo” em pelo menos duas das três perguntas abaixo, que constavam da Ficha do Informante (mesmo que ele não seja “Oralizado de fato”):

a) Fez terapia de oralização? Com quantos anos de idade iniciou a terapia de oralização?  
b) Numa escala de 0 a 5, qual você acha que é o seu grau de leitura labial?

Para ser considerado “Positivo”, informante deveria ter assinalado:

a) Na pergunta 1: “Sim, por 2 a 5 anos” ou “Sim, por 6 anos ou mais”  
b) Na pergunta 2: “Antes dos 6 anos de idade” ou “Entre 7 e 12 anos de idade”.  
c) Na pergunta 3: “3”, ou “4”, ou “5”.

ii) **Estruturas Silábicas Presentes no Núcleo do SN<sup>10</sup>**: Apenas simples; Contém complexa.

- Apenas sílaba simples (CV ou V): “os **menino** viu a bicicleta”;
- Contém sílaba complexa (que não seja CV ou V): “ele **trabalha** na árvore”.

iii) **Posição do Núcleo do SN**: Antes do determinante; Depois do determinante.

- Antes do determinante: “**meninos três** está resolve ajuda-lo”;
- Depois do determinante: “o menino foi pegar na cesta **as pêras**”.

iv) **Classe Morfológica da Palavra Anterior ao Núcleo**: Artigo; Numeral; Outros.

- Artigo: “**as** goiabas”;
- Numeral: “**3** **meninos**”;
- Outros: “**teus** colegas”.

v) **Paralelismo**: SN é o primeiro de uma série; SN anterior sem concordância; SN anterior com concordância.

- Primeiro de uma série: “**os meninos** ajudar”;
- Anterior sem concordância: “os menino ajudou levando a pegar a pera (...) e **os meninos** achou”;
- Anterior com concordância: “os meninos ajudar depender (...) **frutas varias**”.

vi) **Humanidade**: traço [+ Humano] ou [- Humano] no núcleo do sintagma nominal.

- [+ Humano]: “**os meninos** ajudar”;
- [- Humano]: “também **as peras** deixam”.

De posse das redações, procedemos à análise de cada ocorrência do fenômeno, etiquetando-as como “Concordância” ou “Não Concordância” e, também, de acordo com as variantes das variáveis linguísticas. Para tanto, empregamos o *software* “UAM-CorpusTool” (O’Donnell, 2012), com adaptações para essa tarefa. Em seguida, extraímos os dados em formato “.csv”, que foram carregados no programa R (R Core Team, 2013) para realização das análises estatísticas. O R tem sido mais recentemente empregado com sucesso em análises quantitativas em sociolinguística, anteriormente dominadas pelo Varbrul (Cedergren e Sankoff, 1974). Para vantagens na sua utilização nesse tipo de análise, ver Oushiro (2015) e Tagliamonte (2012).

No R, verificamos as proporções do emprego de Concordância ou Não Concordância por cada variante das variáveis independentes e observamos se havia ou não uma diferença estatisticamente significativa entre essas proporções. Em seguida, realizamos uma análise multivariada, isto é, verificamos, quais fatores favorecem ou desfavorecem a realização da Não Concordância, quando levados em conta em conjunto e não isoladamente, observando o “princípio de múltiplas causas” de Bayley (2002), que afirma que é improvável que um único fator seja responsável pela variação observada. A

<sup>10</sup> Para mais sobre os tipos silábicos em português, ver IGNÁCIO DE MENDONÇA (2003, seção 8.1).

análise multivariada vê cada ocorrência de uma variável como “uma função de várias forças simultâneas, interseccionadas e independentes” (Guy e Zilles, 2007, p. 50). A análise multivariada das correlações foi feita através de modelos de regressão logística. Um panorama da distribuição dos dados e os resultados dessas análises são apresentados na próxima seção.

## Análise e resultados

No conjunto analisado, foram encontradas 229 ocorrências da variável dependente, distribuídas em 179 (78%) ocorrências em que a Concordância é realizada e 50 (22%) em que não é. O foco é observar o que favorece a Não Concordância.

Para o primeiro grupo de fatores sociais - a Faixa Etária de Aquisição da Libras -, a diferença entre as proporções de Não Concordância dentro de cada perfil (Aquisição da Libras até 5 anos de idade ou de 6 a 12 anos de idade) não se mostrou significativa (valor de  $p = 0,1377$  com o teste de Qui Quadrado). Para o segundo grupo desses fatores - relacionado às Habilidades de Oralização ou Leitura Labial -, a diferença entre as proporções de Não Concordância dentro de cada perfil (“Oralizado” ou “Não Oralizado”) não se mostrou significativa (valor de  $p = 1$ , com o teste de Qui Quadrado). Já em Escolaridade, o último dos grupos de fatores sociais, a diferença mostrou-se significativa ( $p = 0.04646$ , com o teste de Qui Quadrado). A Tabela 1 abaixo resume os resultados:

**Tabela 1.** Distribuição das variáveis sociais

		<u>Concordância</u>	%	<u>Não Concordância</u>	%	<i>Total</i>	<u>p value</u>
<b>FAIXA ETÁRIA DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS</b>	<i>Primeira (até 5 anos)</i>	63	72,4%	24	27,6%	<b>87</b>	0,1377
	<i>Segunda (de 6 a 12 anos)</i>	116	81,7%	26	18,3%	<b>142</b>	
<b>HABILIDADES DE ORALIZAÇÃO E LEITURA LABIAL</b>	<i>Oralizado</i>	98	77,8%	28	22,2%	<b>126</b>	1
	<i>Não Oralizado</i>	81	78,6%	22	21,4%	<b>103</b>	
<b>ESCOLARIDADE</b>	<i>Médio</i>	50	69,4%	22	30,6%	<b>72</b>	0.04646
	<i>Superior</i>	129	82,2%	28	17,8%	<b>157</b>	

Fonte: Dados dos autores

A partir desses resultados, pode-se supor que a resposta à pergunta inicial é que a variação neste caso não está ligada ao fenômeno da transferência linguística. No entanto, sendo que um dos pressupostos da análise quantitativa da variação linguística é que a variação é multivariada optamos por prosseguir na análise empregando modelos de regressão logística, a fim de verificar se há alguma relevância estatística desses fatores quando observados em conjunto com outros. Os resultados dessa análise serão apresentados mais adiante.

Voltando para a distribuição dos dados, vimos que a diferença do emprego da Não Concordância



cia entre informantes com Nível de Escolaridade Médio ou Superior é significativa, sendo que uma quantidade menor de informantes de nível superior não faz Concordância, indo ao encontro do que comentamos anteriormente sobre altos Níveis de Escolaridade estarem relacionados ao maior emprego de variantes padrão ou de prestígio.

Passando aos grupos de fatores linguísticos, verificamos que, com relação às diferenças das proporções dos fatores dentro de cada grupo, todos eles se mostraram significativos em termos estatísticos (teste de Qui Quadrado com valor de  $p < 0,05$ ). A Tabela 2 apresenta os dados.

**Tabela 2.** Distribuição das variáveis linguísticas

		<u>Concordância</u>	%	<u>Não Concordância</u>	%	<i>Total</i>	<i>p value</i>
<b>QTD. DE PALAVRAS NO SN</b>	<i>duas</i>	147	75,4%	48	24,6%	<b>195</b>	0.02676
	<i>três</i>	32	94,1%	2	5,9%	<b>34</b>	
<b>ESTRUTURA SILÁBICA DO NÚCLEO</b>	<i>apenas simples</i>	126	82,4%	27	17,6%	<b>153</b>	0.04483
	<i>contém complexa</i>	53	69,7%	23	30,3%	<b>76</b>	
<b>POSIÇÃO DO NÚCLEO</b>	<i>antes do determ.</i>	10	52,6%	9	47,4%	<b>19</b>	0.01162
	<i>depois do determ.</i>	169	80,5%	41	19,5%	<b>210</b>	
<b>CLASSE MORFOLÓGICA DA PALAVRA ANTERIOR AO NÚCLEO</b>	<i>artigo</i>	93	91,2%	9	8,8%	<b>102</b>	4.177e-05
	<i>numeral</i>	71	70,3%	30	29,7%	<b>101</b>	
	<i>outros</i>	15	57,7%	11	42,3%	<b>26</b>	
<b>PARALELISMO</b>	<i>primeiro da série</i>	54	77,1%	16	22,9%	<b>70</b>	3.024e-05
	<i>SN anterior sem concordância</i>	17	50,0%	17	50,0%	<b>34</b>	
	<i>SN anterior com concordância</i>	108	86,4%	17	13,6%	<b>125</b>	
<b>HUMANIDADE DO SN</b>	<i>[+ humano]</i>	87	85,3%	15	14,7%	<b>102</b>	0.02932
	<i>[- humano]</i>	92	72,4%	35	27,6%	<b>127</b>	

Fonte: Dados dos autores

Apesar das diferenças entre as proporções para todos esses grupos serem significativas, cabe verificar se quando considerados em conjunto, num modelo de regressão logística elas se mantêm relevantes em termos de favorecimento da Não Concordância. Em outras palavras, existe correlação entre quais fatores e a Não Concordância?

O primeiro modelo de regressão logística que consideramos para responder a essa questão incluiu todas as 9 variáveis independentes (3 sociais e 6 linguísticas) presentes no estudo. A seguir encontram-se os resultados obtidos pelo programa R. Não interessa aqui explicar ou detalhar cada *output* (Para detalhes, ver Oushiro, 2017), mas sim mostrar que apenas os fatores marcados em negrito (com

os asteriscos) foram considerados significativos. São eles: o traço + ou - Humano no Núcleo do SN; a Classe Morfológica da Palavra Anterior ao Núcleo e o Paralelismo. Os resultados abaixo indicam que:

- Núcleo do SN com o traço semântico [- Humano] favorece o emprego da Não Concordância;
- Também favorece a Não Concordância a ocorrência de um Numeral antes do Núcleo em um SN (como em “três menino”);
- A Não Concordância é favorecida quando o SN anterior também não apresentou Concordância, evidenciando o papel do Paralelismo.

O resultado em (1) diverge do achado de Oushiro (2015) para o Português falado, mas converge com o de Brandão e Vieira (2012). O Paralelismo (item 3) também foi um fator relevante nas análises realizadas, por exemplo, por Oushiro (2015) e por Scherre e Naro (1992) e, também, com SNs com Não Concordância favorecendo a Não Concordância do SN seguinte. Assim como no trabalho de Oushiro (2015), a Quantidade de Palavras no SN, não é selecionada como relevante para o emprego ou não da Concordância.

**Quadro 1.** “Output” do programa R: Fatores relevantes no Modelo de Regressão Logística

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z )
(Intercept)	-1.51983	1.25606	-1.210	0.226281
ETARIAsegunda	-0.12603	0.41338	-0.305	0.760464
ORALIZACAO	0.09944	0.42026	0.237	0.812962
ESCOLARIDADES	-0.49740	0.41821	-1.189	0.234305
<b>HUMANIDADEmenoshumano</b>	<b>1.82809</b>	<b>0.47655</b>	<b>3.836</b>	<b>0.000125 ***</b>
<b>MORFOLOGIAnumeral</b>	<b>2.11879</b>	<b>0.49072</b>	<b>4.318</b>	<b>1.58e-05 ***</b>
MORFOLOGIAoutros	1.00611	1.05349	0.955	0.339562
POSICAOdepoisdodeterminante	-1.54866	1.15106	-1.345	0.178490
QTD.PALAVRAS.SNtres	-1.46027	0.83201	-1.755	0.079242 .
ESTRUTURA.SILABAsimples	-0.51638	0.42576	-1.213	0.225193
<b>PARALELISMOprecedidopor0</b>	<b>1.84249</b>	<b>0.58454</b>	<b>3.152</b>	<b>0.001621 **</b>
PARALELISMOprecedidopor1	-0.51218	0.44889	-1.141	0.253875
---				
Signif. codes: 0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1				

Fonte: Dados dos autores

Note-se que no caso da Escolaridade, apesar de haver uma diferença significativa entre Concordância e Não Concordância no Ensino Médio e no Ensino Superior, ela não foi selecionada como uma variável relevante pelo modelo de regressão, diferentemente de vários trabalhos importantes sobre a Concordância Nominal no Português Brasileiro, tais como Brandão e Vieira (2012), Scherre e Naro (2006), Gomes da Silva (2014), Salomão (2010).

O segundo passo da análise de correlações foi criar um modelo de regressão que considerasse também as variáveis independentes “Informante” (cada um dos participantes) e “Item Lexical” (os núcleos dos SNs), como variáveis de efeito aleatório. As variáveis independentes que havíamos analisado até o momento são variáveis de efeito fixo, isto é, “cujos exemplares da amostra são representativos da população amostrada” e “podem ser replicados em outros estudos” (Oushiro, 2015, p. 56). “Infor-



mante” e “Item Lexical” são variáveis de efeito aleatório porque “se referem a variáveis específicas da amostra analisada” (Oushiro, 2015, p. 56). A importância desses modelos de efeitos mistos é que “a inclusão de efeitos aleatórios no modelo estatístico permite verificar se as correlações observadas se devem aos efeitos fixos ou se possivelmente se devem à contribuição casual de certos indivíduos ou itens lexicais que eventualmente se comportam de modo distinto da população em geral” (Oushiro, 2015, p. 56). Nesses modelos, uma variável independente só vai ser selecionada como relevante estatisticamente se as correlações forem fortes o suficiente para superar a variação em cada informante (e, por extensão, em cada item lexical).

Quando incluímos, então, em nossa análise, “Informante” e “Item Lexical” como efeitos aleatórios, a variável “Paralelismo” deixou de ser significativa, conforme se vê no *output* do R, a seguir:

**Quadro 2:** “Output” do programa R: Fatores relevantes no Modelo de Regressão Logística de Efeitos Mistos

	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z )	
(Intercept)	-4.4695	2.1322	-2.096	0.036062	*
ETARIAsegunda	-0.8835	1.5510	-0.570	0.568923	
ORALIZACAO	0.2076	1.5544	0.134	0.893764	
ESCOLARIDADES	-2.1468	1.6943	-1.267	0.205109	
<b>HUMANIDADEmenoshumano</b>	<b>4.0403</b>	<b>1.1242</b>	<b>3.594</b>	<b>0.000326</b>	<b>***</b>
<b>MORFOLOGIA numeral</b>	<b>2.7068</b>	<b>0.9884</b>	<b>2.739</b>	<b>0.006169</b>	<b>**</b>
QTD.PALAVRAS.SNtres	-1.3977	1.2799	-1.092	0.274786	
ESTRUTURA.SILABAsimples	-1.0457	0.8700	-1.202	0.229405	
PARALELISMOprecedidopor0	1.0140	0.8217	1.234	0.217179	
PARALELISMOprecedidopor1	0.8136	0.8644	0.941	0.346551	
---					
Signif. codes:	0	****	0.001	***	0.01
			**	0.05	.
			*	0.1	
					1

Fonte: Dados dos autores

## Considerações finais

Em síntese, em termos de distribuição e relevância estatística das diferenças entre as proporções, são significativas as diferenças de todos os grupos de fatores linguísticos e apenas da Escolaridade dentre os grupos de fatores não linguísticos. Já em termos de correlações, apenas se correlacionam ao fenômeno da Concordância Nominal de Número os fatores linguísticos, a saber: a) Traço Semântico + ou - Humano (sendo que o traço [- Humano] favorece o emprego da Não Concordância); b) Classe Morfológica da Palavra Anterior ao Núcleo do SN (sendo que favorece a Não Concordância a ocorrência de um Numeral Antes do Núcleo); e c) o Paralelismo (a Não Concordância é favorecida quando o SN anterior também não apresentou Concordância). Porém, quando se consideram também as variáveis de efeitos aleatórios (Informantes e Itens Lexicais), o Paralelismo deixa de ser significativo.

As perguntas iniciais que motivaram este trabalho, e que foram delineadas na Introdução, eram duas, a saber:

1. A não realização da Concordância Nominal no Português escrito por surdos está relacionada

ao fato de eles serem falantes de Libras como L1?

2. Que fatores linguísticos e sociais regem esse uso?

A resposta para a segunda pergunta está na síntese que acabamos de apresentar. E, a partir dela, pode-se concluir a resposta para a primeira pergunta: a não realização da Concordância não parece estar relacionada à Libras enquanto L1 (uma vez que os dois grupos de fatores que poderiam testar a transferência de L1 para L2 não se mostraram correlacionados ao fenômeno) e ocorre assim como no Português brasileiro oral de várias comunidades já estudadas pela sociolinguística, sendo influenciado por fatores estruturais, próprios do Português.

No entanto, há de se considerar que a quantidade de dados (229 ocorrências da variável dependente no total) é relativamente pequena para uma análise quantitativa. Assim, esses resultados podem ser considerados como preliminares e podem ser confirmados ou refutados em um estudo mais abrangente, que observe mais escritos, de um maior número de participantes.

De todo modo, parece-nos indubitável que os resultados aqui apresentados, principalmente quando forem somados àqueles obtidos pelo estudo de outros fenômenos variáveis, contribuem para desmistificar a ideia de que escrita dos surdos é caótica e repleta de erros, quando na verdade o que ocorre é uma variação ordenada e que também está presente em outras variedades do Português. Esperamos contribuir para a conscientização de possíveis leitores (professores, por exemplo) que ainda tendem a enxergar o modo de escrever dos surdos como um “problema” aliado intrinsecamente à surdez ou devido a possíveis deficiências cognitivas. Esperamos, ainda, lançar luzes sobre o fato de que as ocorrências das variantes estigmatizadas, no caso deste trabalho a falta de Concordância Nominal de Número, são minoria (22% apenas neste caso).

## Referências

ALMEIDA, D. C. 2017. *Variação sociolinguística no português escrito por surdos*. Campinas, SP. Projeto de Pesquisa. Unicamp/Fapesp, 89p.

BAYLEY, R. 2007. Second language acquisition: a variationist perspective. In: *Sociolinguistic variation: theories, methods, and applications*. New York, Cambridge University Press, p.133-144.  
<https://doi.org/10.1017/CBO9780511619496.008>

BAYLEY, R. 2002. The quantitative paradigm. In: J. K. CHAMBERS; N. SCHILLING-ESTES. (Eds.), *The handbook of language variation and change*. 2ª ed., Malden, Blackwell, p. 83-107.  
<https://doi.org/10.1002/9781118335598.ch4>

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. 2012. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa*, **56**(3):1035-1064.  
<https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300013>

CALLOU, D. M. I.; MORAES, J.; LEITE, Y. 1995. Variação dialetal no português do Brasil: aspectos fonéticos e fonológicos. *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, **14**: 106-127.

- CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. 1974. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, **50**(2):333-355. <https://doi.org/10.2307/412441>
- CHAFE, W. 1980. *The pear stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood, New Jersey, 345 p.
- CHAMBERS, J. 1995. *Sociolinguistic theory*. Oxford: Blackwell, 348 p.
- CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. 2001. *The handbook of language variation and change*. Oxford/Malden: Blackwell, p.17-19.  
<https://doi.org/10.1111/b.9781405116923.2003.00003.x>
- FERREIRA-BRITO, L. 1989. Necessidade psico-social e cognitiva de um bilinguismo para o surdo. *Trabalhos em linguística aplicada*, **14**:89-100.
- GOES, M. C. R. de. 2012. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas, Autores Associados, 112 p.
- GOMES DA SILVA, F. 2014. *Alagoanos em São Paulo e a concordância nominal de número*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo – USP, 103 p.  
<https://doi.org/10.11606/D.8.2014.tde-15052015-094014>
- GUY, G.; ZILLES, A. 2007. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo, Parábola, 240 p.
- IGNÁCIO DE MENDONÇA, C. S. 2003. A sílaba em fonologia. *Working Papers in Linguistics*, **7**(1).
- JOHSON, D. E. 2009. Getting off the GoldVarb standard: introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass*, **3**(1):359-383.  
<https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2008.00108.x>
- KAIL, M. 2013. *Aquisição de linguagem*. São Paulo, Parábola, 120 p.
- KIESLING, S. 2009. Style as stance: stance as the explanation for patterns of sociolinguistic variation. In: A. JAFFE (Org.). *Stance: sociolinguistic perspectives*. Oxford, Oxford University Press, p.171-194.  
<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331646.003.0008>
- LABOV, W. 1966 [2006]. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo, Cambridge University Press, 498 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511618208>
- LABOV, W. 1969. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, **45**(4):715-762. <https://doi.org/10.2307/412333>
- LABOV, W. 1972. Sociolinguistic patterns. *Language*, **51**(4):1008-1016. <https://doi.org/10.2307/412715>
- LENNEBERG, E. H. 1967. Biological foundations of language. *Neurology*, **17**(12):1219-1219.  
<https://doi.org/10.1080/21548331.1967.11707799>

- O'DONELL, M. 2012. *UAM Corpus Tool*. Disponível em: <http://www.corpustool.com/download.html>. Acesso em: 20/05/2018.
- OUSHIRO, L. 2015. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo - USP, 394 p. <https://doi.org/10.11606/T.8.2015.tde-15062015-104952>
- OUSHIRO, L. 2017. *Introdução à estatística para linguistas*. Disponível em: <http://rpubs.com/oushiro/iel>. Acesso em: 08/06/2020.
- R CORE TEAM. 2013. *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, 238 p.
- REGAN, V. 2013. Variation and second language acquisition. In: J. HERSCHENSON; M. YOUNG-SCHOLTEN (Orgs.), *The Cambridge handbook of second language acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 272–291. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139051729.017>
- SALOMÃO, M. H. 2010. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. São José do Rio Preto, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista - UNESP, IBILCE, 162 p. <https://doi.org/10.5016/DT000624423>
- SCHERRE, M.M.P.1988. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 561 p.
- SCHERE, M. M. P.; NARO, A. J. 1992. The serial effect on internal and external variable. *Language Variation and Change*, 4(1):1-13. <https://doi.org/10.1017/S0954394500000636>
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. 2006. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*, 9(18):107-129.
- SELINKER, L. 1972. Interlanguage. *International review of applied linguistics*, 10: 219–231. <https://doi.org/10.1515/iral.1972.10.1-4.209>
- TAGLIAMONTE, S. A. 2012. *Variationist Sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Oxford, Blackwell, 402 p. <https://doi.org/10.7764/onomazein.28.6>
- TRUDGILL, P. 1974. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge, Cambridge University Press, p.179-184. [https://doi.org/10.1007/978-1-349-25582-5\\_15](https://doi.org/10.1007/978-1-349-25582-5_15)
- VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. 2015. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: J. ABRAÇADO; M. A. MARTINS (Orgs.), *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, p.109-131.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. 1968. Empirical foundations for a theory of language change. In: W. P. LEHMANN; Y. MALKEIL (Orgs.), *Directions for Historical Linguistics, a symposium*. Austin, University of Texas Press, p. 95–195.

Submetido: 17/06/2020

Aceito: 24/08/2020